



primav
navera

CENA 3x4

apresentação

MALDITA
CIA

apoio

galpão*
cine
horto

incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA



**BELO
HORIZONTE**
PREFEITURA

projeto 0653/2023

realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte 50
ANOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

este projeto foi fomentado pelo PROGRAMA FUNARTE DE AÇÕES CONTINUADAS 2023

índice

Relatos de processo, elaborados coletivamente:

- Coletivo [conjunto vazio] e Coletivo
Contraponto <experiência>
- Breve cia
- Cia da farsa

**olhar
coletivo:**

coletivo
[conjunto
vazio] e
coletivo
Contraponto
<experiência>

Retrato do Processo (outubro)

Outubro chegou intensificando as diversas demandas, questões e problemas do processo. Até então, os ensaios vinham sendo guiados principalmente por apresentações de workshops com materiais e formas diversificadas, além de improvisações, experimentações e jogos corpóreos. A sensação de que o tempo seria escasso e de que os ensaios previstos talvez não dessem conta da dimensão da empreitada levou a um debate central: avançar na estrutura do espetáculo ou aprofundar o material que havíamos construído até ali? Evidentemente, o ideal seria preservar ambos os aspectos, mas os coletivos conversaram longamente sobre isso, os aspectos prós e contras. A decisão, ainda que difícil e controversa, foi avançar no levantamento das cenas do canovaccio que já tínhamos, dividido em: introdução; vitória contra o sol; facas; festa; dança; ressaca; livro; debate; julgamento; e dança da morte. A partir de um esboço geral que seria posteriormente aprofundado em cada cena.

Um grande avanço desse período foi o início dos ensaios no espaço escolhido para o espetáculo, a boate Andaluz. O espaço foi inaugurado em 1999, no bairro Santo Antônio, fechou em 2017 e reabriu em 2023 no bairro de Santa Tereza. A escolha do local dialoga diretamente com a pesquisa dos dois coletivos, que desenvolvem trabalhos em espaços não convencionais. Além disso, o Andaluz reforça o desejo de atritar as temáticas centrais da peça, a revolução e a festa. A boate, enquanto espaço associado à celebração, à dança e ao divertimento, mostrou-se fundamental para os direcionamentos conceituais, estéticos e práticos do espetáculo.

Os primeiros ensaios no Andaluz foram bastante difíceis e impuseram novas questões e desafios. A mais evidente delas dizia respeito à diferença entre o tamanho da sala onde ensaiávamos na Kasa Invisível e a dimensão do novo espaço. Nesse primeiro momento, buscamos compreender corporalmente essa nova arquitetura por meio de duas práticas experimentais que vinham orientando grande parte da pesquisa: o “cardume” (exercício de coralidade) e o “pastoreio” (exercício de condução e de relação com o público). A partir dessas práticas, começamos a transportar as cenas para o novo espaço e a testar como poderiam se desenvolver ali.

A trilha sonora, a paisagem sonora e os sons passaram a ocupar um lugar central nesse momento, assim como os modos de lidar com sua materialidade por meio da programação eletrônica, o que possibilitava, por exemplo,

a manipulação da música ao vivo. Passamos também a experimentar o uso de microfones para amplificar ações. Ao longo dos ensaios de outubro no Andaluz, fomos definindo as músicas do espetáculo, todas pertencentes ao universo do eurodance ou do synth-pop do final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Compreendemos que, por serem músicas muito conhecidas e fortemente “ideológicas” (músicas de boate”, “músicas de ser feliz num sábado à noite”, “trilha sonora do fim da história/da vitória do capitalismo tardio”), elas acabavam por “raptar” a cena e transformar o espetáculo em uma espécie de musical episódico. Diante disso, buscamos avançar em momentos mais abstratos e disruptivos, com o uso de ruídos e das ações microfonadas, criando novas sonoridades e atmosferas.

Nesse mês, intensificaram-se também os ensaios com o coro. Por questões logísticas - leia-se, disponibilidade de tempo -, o trabalho com os performers do coro começou de forma separada do trabalho com os atores. Embora houvesse muitas reverberações e similaridades entre os dois núcleos, especialmente nas práticas do “cardume” e do “pastoreio”, o trabalho com o coro caminhava em direção a uma performatividade mais exacerbada e a uma busca por maior unicidade gestual e das ações. Surgiram, então, questões como: quem é esse coro? Onde ele se posiciona? Como age? Qual é sua relação com os atores do núcleo central? Perguntas que passaram a alimentar e orientar esses ensaios.

Houve também a realização do ensaio fotográfico de divulgação do espetáculo, com Igor Cerqueira. Optamos por realizá-lo na Kasa Invisível, onde foi montada uma estrutura de fundo infinito na sala de ensaio. O ensaio foi muito prazeroso e nos deixou bastante animados com o resultado. O processo acabou, inclusive, acelerando decisões relacionadas ao figurino e esclarecendo alguns caminhos estéticos que vínhamos trilhando. Entre as referências para as fotos estava o fotógrafo japonês Eikoh Hosoe, conhecido por seu importante trabalho com o botão, especialmente em parceria com Hijikata. Ainda que essa influência talvez não seja imediatamente evidente, ela conduziu à escolha por fotografias em preto e branco, com alto contraste e forte uso de sombras

No início de outubro, realizamos mais uma reunião do núcleo de produção. Se, por um lado, avançamos nas discussões práticas sobre a temporada, por outro nos deparamos com os primeiros problemas institucionais e com desentendimentos relacionados à nossa proposta.

Na metade do mês, aconteceram mais dois dias do Encontro do 3x4, desta vez no Centro Cultural Casa de Candongas. Conforme combinado no último encontro, os grupos participantes do Cena 3x4 se dividiram para que cada um propusesse um aquecimento. Nós, dos coletivos Contraponto e [conjunto vazio], propusemos o “cardume”, e foi muito interessante observar como a prática se desdobrou nos outros grupos. Na apresentação da tarde, buscamos avançar no jogo das facas articulado à prática do “pastoreio”, aproveitando a presença de muitas pessoas para experimentar esse exercício. No segundo dia, apresentamos a cena do pão, que tem se mostrado particularmente desafiadora. Realizamos uma primeira apresentação com uma estrutura coreográfica mais rígida e, em seguida, uma segunda versão em que os atores estavam completamente livres para seguir seus impulsos. As questões levantadas pelos companheiros do 3x4 incluíram: quem é o público desse espetáculo e em que momento ele entra? De onde surgem esses três seres, de fora ou de dentro do espaço, considerando que cada escolha carrega significações distintas? Eles são participantes da festa? Qual é o estatuto dos objetos utilizados e o que fazer com seus restos? Como criar mecanismos de diferenciação entre as vozes desses três seres? Foram dois dias intensos e produtivos, em que a estrutura mais aberta e concentrada do encontro potencializou significativamente a proposta.

No final de outubro, realizamos nosso primeiro ensaio aberto no Andaluz, com a presença da equipe do Cena 3x4, além de parceiros e amigos. Foi um ensaio muito difícil, que instaurou um momento de crise, já que diversas fragilidades do trabalho ficaram evidentes. Os principais apontamentos diziam respeito ao uso ainda empobrecido do espaço, à relação com o público, ao excesso de formalização do trabalho e à falta de clareza da temática da peça. Das devolutivas, extraímos alguns imperativos: expandir os modos de utilização e ocupação do espaço da boate; reduzir o engessamento formal que acaba produzindo um distanciamento indesejado; investigar mais profundamente as possibilidades de relação com o público; e fazer com que as ações dos atores reverberem e avancem, sem despotencializar o jogo. E, sobretudo, sair de um ensaio tão difícil com ânimo e disposição para continuar avançando no trabalho!

coletivo [conjunto vazio] e coletivo Contraponto <experiência>

Breve
Cia



Clique para ver o vídeo

cia da
farsa_

AGORA SOU EU QUE ENTARDEÇO – CIA DA FARA

Outubro ou nada!

Um texto verborrágico e extremamente grande, um diretor que precisa se ausentar, um ator perdido que não se deixa contaminar pelo sentimento de coletividade, cansaço, um pouco de desânimo, um monte de cadeiras e o sentimento, pelo menos de alguns, de que nossa história vale a pena ser contada.

Tudo isso vem à tona num dia que seria de ensaio, mas que quase se tornou um dia de briga.

E agora, o que fazer?

Primeiro respirar, recolocar os pés no chão, dar as mãos àqueles que ficaram e continuar rumo ao nosso Norte.

Aos poucos vamos trazendo o texto para o nosso corpo, retomando improvisações e jogos, buscando fazer a palavra se comungar com o gesto e com a ação. Nossas amigas cadeiras, agora não mais meros objetos inanimados, transformam-se em personagem e essa ciranda meio maluca acaba se tornando uma luz a clarear nosso caminho, que ainda não sabemos onde vai dar, mas que nos convida a continuar.

Um texto mais enxuto, com palavras ditas por todo o corpo, um diretor que volta e nos dá as mãos para seguirmos em uníssono, amigos antigos e novos nos abraçando e nos ajudando nessa empreitada de contar nossa história e elas, nossas queridas cadeiras.

E assim, continuamos seguindo... Evoé!!!

[www.malditacia.com/
cena3x4](http://www.malditacia.com/cena3x4)